

Notícia biográfica

segundo Pinheiro Chagas

Governava o marquês de Pombal a monarquia de D. José I, quando nasceu em Setúbal, a 17 de Setembro de 1766, uma criança que havia de ser Bocage. Filho de José Luís Soares de Barbosa, antigo magistrado, a quem frequentes vezes, nos ócios das suas funções judiciais, não negara sorrisos a musa fácil do século XVIII, e de D. Mariana Joaquina Lestof du Bocage, senhora de origem francesa, a cujo nome na pátria de Voltaire dera lustre e glória uma poetisa, cuja fronte o filósofo de Ferney achou digna da coroa de louro com que as suas mãos já trémulas a cingiram, o futuro cantor de Leandro e Hero nascia em berço perfumado de poesia, e as musas familiares, volteando em torno dele, como as abelhas de Platão, iam pousar-lhe nos lábios o doce mel, que nunca deixou de rescender nos seus admiráveis versos.

Viçando em tão favorável ambiente, a sua imaginação desabrochou, como flor da Primavera, aos primeiros esplendores do sol da vida. Criança, o seu balbuciar harmonioso queria afinar-se já pelos harpejos da lira; como o rouxinol noviço, os primeiros ensaios da sua voz foram também os primeiros ensaios do seu canto. Dos sonhos infantis procurava Mozart no teclado vibrante do piano a vaga reminiscência; para traduzir as confidências da misteriosa fada, que flutuava em torno dele, percebia Bocage que havia no mundo outra linguagem mais sonora, mais doce, mais iluminada pelos lampejos divinos do que a prosa corrente das conversações e dos negócios. Antes de se apoderar do instrumento sublime, a que devia dar a máxima flexibilidade, Bocage adivinhara-o, e, prestando o ouvido à voz das brisas, ao murmúrio do rio, ao majestoso rugir da tempestade, concentrava em si mesmo esses ecos pelos quais devia afinar os seus cânticos, doces como o ramalhar da viração, fluentes como o palrar incessante das águas, altíssimos como o bramir do vendaval.

Essa era a educação íntima que bebia nas fontes puras da natureza e no trato despreocupado dos seus; mas o poeta magistrado dirigiu-lhe o espírito para outro rumo, guiando-o através do árido campo da instrução secundária. Em 1780 seu pai introduziu-o na vida activa, cingindo-lhe a espada de cadete do regimento de Setúbal. O velho prolóquio de nossos avós: «Armas ou letras» não tinha a significação que hoje lhe poderíamos atribuir. As letras, que formavam o segundo ponto do dilema, não eram as risonhas filhas das musas, as meigas hóspedes da fantasia, eram as letras graves, sérias, muitas vezes gordas, que se espanejam nos volumosos fólios dos autos e que recompensavam o seu adorador com a beca dos magistrados. Entre essas letras pesadas e as armas que se lhe apresentavam como segunda alternativa, Bocage optou pelas armas. Com a espada também se escrevem poemas, e a epopeia de Alexandre não é menos sublime do que a *Iliada* de Homero.

Aos dezasseis anos passava Bocage do exército para a armada com o posto de guarda-marinha. Foi então que veio residir em Lisboa; foi então que pela primeira vez apareceu o triunfador nesse Capitólio, onde tantas palmas havia de colher, onde o haviam de entontecer tantas vertigens, onde a sua vida, até aí serena e luminosa como a aurora, havia de se desenrolar tempestuosa e estranha, enegrecida pelos seus vícios, iluminada pela sua glória, ignóbil e santa, trivial e sublime, lodo em que resplendem diamantes, mar que a procela não só agita mas tolda, e que momentos depois reflecte no espelho das suas vagas a face radiosa do firmamento.

Parece que a Circe fatal que o estontecia começou logo a exercer sobre ele os seus perniciosos prestígios, porque o aos vinte anos, já de novo reintegrado no exército de terra, partir para a Índia com o posto de tenente. Essa viagem é mais que provável que fosse motivada por desregramentos da sua musa, que, semelhante à abelha, via crescerem-lhe a um tempo as asas de ouro e o ferrão agudo. Contudo desta primeira estada em Lisboa não nos restam vestígios positivos e determinados.

Desassombro de influências fatais e o seu génio, em longa convivência de meses com o céu, com o oceano, despreendeu as asas possantes e revelou a sua força. Quando a procela varreu pela primeira vez a face verde negra das águas, quando os relâmpagos iluminaram o horizonte, quando o raio fuzilou na soledade imensa, o estro fervente de Bocage pairou, soltando um grito, sobre o oceano em fúrias, e disse ousado à tempestade: «Conheço-te, és minha irmã!» Quando a fantasia do poeta viu desenharem-se na bruma longínqua as formas gigantes do Adamastor, encarou sem tremer o vulto do vate que evocara o Titão, e conheceu, com orgulhoso assombro, que tinha com Luís de Camões não só a fraternidade do infortúnio, mas também a fraternidade do génio. Acendera-lhe um relâmpago lá dentro a chama sublime, que podia eclipsar-se, mas apagar-se nunca, e parece que o próprio vulto de Adamastor veio, por sobre as águas, pousar-lhe na fronte o diadema resplandecente, que, limpo das máculas com que por vezes o enodoou, pousado na sua campã, deslumbra a posteridade.

Datam desta viagem os versos em que primeiro se remontou aos céus da grande inspiração o lirismo bocagiano.

Em Goa, a sua índole fogosa, estreitada nos laços duma sociedade mesquinha, desafojou nos veementes impérios, em que o seu génio, posto que envergonhado, não deixa de manifestar-se, e que lhe valeram uma deportação para Macau. Continuava a analogia com a sorte de Camões, e, para ser completa, nem lhe faltou o naufrágio, nem mesmo, segundo se diz, a salvação dos seus versos. Encontrando um protector no governador interino de Macau, Lázaro da Silva Ferreira, Bocage pôde voltar à Pátria, depois de ter dado a sua demissão de tenente, como o náufrago, que alua a bagagem e ainda assim folga de entrar no porto, Bocage, descuidoso e imprudente, confiava ao acaso a direcção da sua vida, e respirava com delícias os ares natais, tão ligeiro de espírito como de bolsa.

Em Portugal, contudo, encontrou de novo as tentações, as vertigens, os desvairamentos do orgulho, da imaginação e dos sentidos. O seu génio exaltado tudo levava ao extremo; as suas paixões indomáveis nunca soube nem tentou refreá-las. Oh!, não o acusemos por isso! Era uma necessidade fatal da sua natureza, que o arrojava com ímpeto igual às eminências e aos precipícios; o estro, quando assume o vigor que Bocage lhe imprimiu, é um delírio verdadeiro, é a sobreexcitação nervosa, que a um tempo agita as boas e as más paixões do homem, que lhe acende o espírito nos raptos febris do entusiasmo, e que põe igualmente em ebulição os deploráveis fermentos do que há no homem terreno e material; um génio assim é a tempestade, e a tempestade, se coroa de imaculada espuma a superfície fermente do lago, revolve também a vasa e o lodo que no fundo lhe jazem, é o vulcão, e o vulcão, se acende no cume da montanha abrasada a chama resplandecente, golfa também em borbotões as escórias e a lava. Vesúvio de inspiração, vendaval de lirismo, lamentemos mas não estranhemos que nem sempre o estro bocagiano se manifestasse com a pureza que dá uma serena imortalidade às concepções da poesia.

Oh!, se Bocage vivesse noutra ambiente, se, a sós com a natureza e com as grandes obras do espírito humano, pudesse fazer voar o seu entusiasmo em regiões dignas dele; se pudesse, como as águias, pairar só nos píncaros eminentes que estão mais próximos de Deus, que profético vigor não teria a sua voz, que soberbas melodias

não vibrariam na sua lira! Se, como Byron, vivesse num país onde já soara o momento da renovação literária, e todos esses gritos de alma, toda a ebulição das paixões, todos os delírios da fantasia os pudesse vaziar nos moldes de um lirismo sem constrangimentos... que Manfredos, que Don Juans, que Laras, não brotariam neste canto ocidental da Península Hispânica! Mas a velha gaiola clássica prendia a águia convulsa; a tesoura dos mestres cortava-lhe as guias das asas e obrigava-a a debater-se, a rojar-se, impaciente e furiosa, nos tremedais duma inspiração equívoca.

A ele, que era todo fogo, obrigava-o a poética nos géneros nobres a conter a chama. A ele, que tinha, para assim dizermos, a eloquência à flor dos lábios, a ele, que era todo capricho e cor e espontaneidade, não lhe permitiam as regras dar largas a esses predicados num poema espontâneo, colorido, caprichoso, eloquente. Para aproveitar esses dotes nativos tinha de colher as palmas efémeras, frívolas e muitas vezes imundas do repentista. Nas obras de mais largo fôlego tinha a cada instante de os comprimir de os falsear. Por isso, Bocage foi repentista com delícias; a turba dos entusiastas seguia-o e animava-o com os seus perigosos aplausos. E ele, sedento de aclamações, como todas as naturezas magnéticas, para assim dizermos, cujo supremo gozo é fazerem vibrar um auditório ao sopro da própria inspiração, transformando em tribuna qualquer terreiro de convento ou qualquer esquina de rua, ou qualquer sala de botequim, deixava irromper a torrente que lhe borbulhava nos lábios. Era a pitonisa que o deus íntimo agitava; era o vulcão em plena actividade, o Niágara tremente debaixo do peso enorme de massas espumantes de poesia que se precipitavam sem trégua nem interrupção. Fascinava porque se sentia fascinado também; a sua voz era como que a voz inconsciente da inspiração, os seus lábios eram como que apenas os condutores da electricidade interna; e ele e o auditório, envoltos na mesma irradiação do fulgor apolíneo, vibrantes ao mesmo sopro, igualmente agitados, igualmente delirantes, confundiam num mesmo grito os aplausos de admiração, e as exclamações do orgulho, o vitoriar da turba no entusiasmo da impressão recebida, o grito triunfal do poeta no primeiro calor da composição.

Mas, se ele actuava sobre o auditório, o auditório reagia sobre ele, e impunha-lhe as suas predilecções. A procela desencadeava-se se mirasse a revolver o oceano da posteridade, que magnífico espectáculo!, mirava apenas a agitar o lago turvo dos contemporâneos, que de lodo não trazia à superfície! Religioso por convicção, foi Bocage ímpio para deslumbrar o frívolo auditório; bondoso, foi implacavelmente satírico para punir os que ousavam pôr em dúvida a sua realeza; capaz, como ninguém, de dar nobreza ao verso e à frase, aviltou a frase e o verso para satisfazer a trivialidade dos que o aplaudiam.

A guerra que moveu aos poetas da Nova Arcádia vem descrita com viva animação no magnífico estudo do Sr. Rebelo da Silva. A musa de Elmano a ninguém poupou, grandes e pequenos fulminou-os o raio olímpico, vibrado pela ave de Jove, que devia estar tão sobranceira a essas paixões mesquinhas. Quintanilha, França, Caldas, o abade Franco, poetas mediócrs, Manuel Bernardo, Crispiniano Saunier, poetas detestáveis, o pobre e inofensivo José Daniel, todos Elmano julgou dignos do epigrama e da sátira, onde o seu génio impetuoso se arrastava muitas vezes na lama, encontrando outras vezes magníficas inspirações. José Agostinho, Belchior Curvo Semedo, poetas de mais vulto, sentiram também o látigo mais vibrante de Bocage. A essa luta devemos a *Pena de Talião*, sátira incomparável, onde a veemência da frase, do conceito, do verso, do pensamento, denuncia a mais valente imaginação, o mais fogoso estro que nunca houve em Portugal. Dessa vez a águia, levantando o voo, caía de chofre, com as penas banhadas no esplendor da inspiração, sobre o desgraçado que a provocara, e em cujo cachaço fradesco ficou para sempre gravado o estigma imortal.

A impiedade de alguns dos seus versos chamou sobre ele o rigor da Inquisição, que, sem dentes nem garras, estava convertida numa espécie de tribunal censório propenso à indulgência mais do que à ira. O processo de Bocage, que, cinquenta anos antes, teria por desenlace a fogueira, valeu-lhe apenas um breve encarceramento nas masmorras inquisitoriais, já vazias do seu pavoroso séquito de torturas, e enfim, por penitência a reclusão, também pouco demorada, no Mosteiro de 5. Bento, onde a convivência dos frades desta ordem, varões todos mais ou menos sábios, incitou Bocage a alguns dos empreendimentos que mais atestam a sua glória.

É de 1797, depois da sua saída da Inquisição, que data uns dos períodos bons da vida de Bocage. Tinha uma irmã desamparada; recolheu-a em sua casa, e, como neste mundo as virtudes, da mesma forma que os vícios, se ligam entre si por uma cadeia indissolúvel, este acto generoso obrigou-o a conter a sua vida desregrada e a procurar no trabalho são e fecundo os recursos para a subsistência de sua irmã; foi então que aceitou a proposta de Fr. José Mariano Veloso para lhe traduzir em verso poemas de bons autores. O *Consórcio das Flores*, de Lacroix, as *Plantas*, de Castel, os *Jardins*, de Delille, foram assim reproduzidos no verso ardente e melodioso de Bocage.

Essas traduções são verdadeiras jóias; lapidadas, faceadas por este maravilhoso artista, pedras nem sempre de grande preço resplandeceram em português como diamantes de mais pura água. A versão das *Plantas* é uma transformação; o grave alexandrino francês veste no verso solto de Bocage asas de ouro que o levantam às mais sublimes regiões; a melopeia transforma-se na mais sonora melodia; a frase toma um extraordinário colorido, uma inexcedível riqueza, e ao mesmo tempo um cunho tão nacional, que, sem afecções de classicismo nem iras contra os francelhos, deixa Elmano, enquanto a vernaculidade, a perder de vista o resmungão Filinto.

Infelizmente, não bastava a Bocage a vida tranquila do lar doméstico e a convivência com a musa sublime que tão puras inspirações lhe segredava; a desgrenhada Piérides dos botequins e dos outeiros continuou a agitar-lhe o espírito e a turvar-lhe a razão. Parecem dois homens distintos o poeta Bocage e o repentista Elmano, e contudo quem analisar essa natureza byroniana como adivinha bem por baixo das aparentes discordâncias a unidade do seu carácter! Alma de poeta, como nunca houve outra em Portugal, Bocage era uma lira; organização toda nervosa, vibrava ao mais leve sopro. Era uma harpa eólia que, em vez de estar suspensa, pela calada das noites, na ramaria do arvoredado misterioso que a Lua argenteia, estava na praça pública igualmente vibrante ao sopro das virações do céu e dos bafejos impuros que a terra corrompida exala.

Era o amor fraternal que o agitava? A essas influências puríssimas obedecia vibrante a lira bocagiana. Era o vento da orgia? Que torpes versos murmurava! Escondido no canto de uma igreja sentia gemer no órgão o eco plangente da voz dos profetas? No seu espírito em êxtase desabrochavam essas místicas flores das odes religiosas. Ouvia de copo em punho as cépticas declamações dos seus amigos eivados pelo materialismo do século que findava? A *Pavorosa ilusão da eternidade* ressoava-lhe nos lábios frementes. Sentia o júbilo de se ver apreciado por Filinto? Da sua alma orgulhosa saía o brado sublime *Zoilos, morrei, posteridade, és minha!* Mordido pelo raivoso José Agostinho, subia-lhe a indignação à cabeça em ondas tumultuosas? Logo da cabeça em fogo lhe irrompia a admirável sátira da *Pena de Talião*. O seu espírito entusiástico vibrava ao sopro da liberdade que agitava a França? A apoteose dos revolucionários acudia a inflamar-lhe o estro. O seu coração aberto a todas as comoções vertia sangue ao pensar no cadafalso de Maria Antonieta? Aí lhe suspirava no plectro a melancólica elegia. E sempre grande, no entusiasmo e no delírio, no acerto e no desvairamento, águia sempre, voando na imensidade azul, ou molhando a ponta de asa

no lodo dos tremedais! Lira, vibrando a todas as inspirações, Bocage, o grande Bocage, podia exclamar como Vítor Hugo:

*Tout souffle, tout rayon, ou propice ou fatal,
Fait reluire et vibrer mon âme de cristal,
Mon âme aux mille voix, que le Dieu que j'adore
Mit au centre de tout comme un écho sonore.*

O entusiasmo era a sua feição predominante, o entusiasmo, essa grande musa dos modernos! Ao toque da sua fogosa fantasia tudo para ele se transformava, em ode, lírica e arrebatada: era uma ode a sátira, torrentuosa e veemente; era uma ode o idílio, em que parecia borbulhar a seiva da Primavera; uma ode a elegia em que a musa lutuosa, delirante de dor, desgrenhava as tranças coroadas de goivos e soluçava e gemia como a poesia de Lamartine pranteando a morte de Júlia; era uma odezinha inimitável o soneto, em que o entusiasmo comprimido nos catorze versos de rigor ainda mais sublime parecia pelo modo como vencida a dificuldade; era uma ode admirável a cantata, em que o estro, soltando o voo, adivinhava os grandes raptos da poesia de Byron e de Vítor Hugo.

Assim as velhas fórmulas da poesia clássica, se não tinha ainda força para as derrubar, transformava-as ao contacto ardente da sua poesia. Nos géneros mais falsos da antiga literatura é que Bocage foi também mais frouxo; quando se multiplicavam os liames, a águia encolhia as asas. Na ode propriamente dita, em que o entusiasmo é convencional, no ditirambo, em que o delírio é obrigado, na anacreôntica, em que é de rigor a agudeza, na metamorfose, esse *pastiche* tão fictício das produções latinas e gregas, Bocage, constrangido, conservava apenas a eterna melodia do seu metro; mas o estro debatia-se-lhe forçado entre as neves dos regulamentos.

O ardor do pensamento comunicava-se-lhe ao verso que ninguém fez mais sonoro, à frase que ninguém teve mais pura, mais portuguesa e mais nobre. Temos para nós que Bocage é um clássico, e dos mais dignos de serem seguidos, e cremos também que Bocage e António Feliciano de Castilho são os dois melhores metrificadores entre todos os poetas que em Portugal tem havido até hoje.

Neste breve resumo pouco mais temos a dizer da vida tão curta de Bocage. Ainda teve em 1802 que sofrer perseguições do Santo Ofício, suspensas logo pelos poderosos protectores do exímio vate. A 21 de Dezembro de 1805, contando apenas 39 anos de idade, faleceu na casa em que morava na Travessa de André Valente, no meio da geral consternação de Lisboa. Em presença da morte, como outrora em presença do oceano, esses dois abismos insondáveis, o génio de Bocage destoldou-se das nuvens habituais e soltou os mais belos, os mais sentidos cantos da sua carreira poética. A sua voz, como a dos profetas, vibrava tanto mais inspirada quanto mais longe lhe ficava a terra; o seu estro, como a águia, só mostrava bem a potente amplidão das suas asas em presença das imensidades.

Tal foi a curta vida de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, que teve entre os Arcades o nome pastoril de Elmano Sadino. Saudado pelos contemporâneos como o vate mais mimoso das filhas da Memória, aplaudido pela posteridade como um talento de primeira ordem, não deixou o seu nome estampado nem sequer no esboço dum monumento de poesia! Impellido pela fatalidade da sua natureza, foi do berço ao túmulo, numa carreira vertiginosa, atirando prodigamente aos quatro ventos do céu a sua dilacerada existência, o seu talento a desfolhar-se sempre!

Nascido trinta anos depois, Bocage seria o primeiro poeta da Península, um dos primeiros da Europa; a sua vida mesmo seria mais pura, porque seria mais considerado

numa sociedade como a nossa em que o talento é nobreza. Assim, vivendo quando viveu, o seu espírito debateu-se em aspirações indecisas e em quedas bem profundas. O corpo frágil não pôde com a luta; sucumbiu na estação que é habitualmente o apogeu da virilidade. O estro de Bocage não era só luz, era chama; a sua vida foi um incêndio. Resplandeceu, deslumbrou, deu relevo a tudo com o seu clarão purpúreo; mas devorou-se rapidamente a si mesma, e esse sol de poesia, que iluminava o século, meteoro fugaz, desfez-se em cinzas.